

Raquel Timponi

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – UERJ,
CiberCog/LMD; CEP/FDC e
UFU.

raquel.timponi@gmail.com

Raquel Lobão Evangelista

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro – UERJ
CiberCog/LMD

E-mail: raquel.lobao@uerj.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Letramento Midiático, Algorítmico e Inteligência Artificial: O papel dos agentes inteligentes na curadoria da pesquisa acadêmica

*Media, Algorithmic and Artificial
Intelligence Literacy:
the role of intelligent agents in curating
academic research*

*Alfabetización Mediática, Algorítmica e
Inteligencia Artificial:
el papel de los agentes inteligentes en la
curación de la investigación académica*

Timponi, R., & Lobão Evangelista, R. Letramento
Midiático, Algorítmico e Inteligência Artificial: o papel
dos agentes inteligentes na curadoria da pesquisa
acadêmica. *Revista Eco-Pós*, 28(1), 110–132.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28452>

RESUMO

A ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IAG) está redefinindo a pesquisa acadêmica, automatizando a curadoria do conhecimento com ferramentas como ChatGPT, DeepSeek, Consensus e Research Rabbit. Essa mediação algorítmica exige novas competências, especialmente em letramento midiático e algorítmico. Este estudo propõe uma reflexão e analisa como agentes inteligentes transformam o papel do pesquisador, deslocando a pesquisa da seleção ativa de fontes para sistemas curados por algoritmos opacos. Argumenta-se a necessidade de um letramento crítico para o uso dessas tecnologias. Além disso, este artigo fundamenta uma pesquisa empírica em andamento, cujos resultados serão divulgados posteriormente, ampliando a compreensão dos impactos da IAG na produção acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: *Letramento Midiático; Letramento Algorítmico; Pesquisa Acadêmica; Agentes Inteligentes; Inteligência Artificial Generativa.*

ABSTRACT

The rise of Generative Artificial Intelligence (GAI) is redefining academic research, automating knowledge curation with tools such as ChatGPT, DeepSeek, Consensus, and Research Rabbit. This algorithmic mediation requires new skills, especially in media and algorithmic literacy. This study proposes a reflection and analyzes how intelligent agents transform the role of the researcher, shifting research from active source selection to systems curated by opaque algorithms. It argues for the need for critical literacy in the use of these technologies. In addition, this article supports an ongoing empirical study, the results of which will be published later, expanding the understanding of the impacts of GAI on academic production.

KEYWORDS: *Media Literacy; Algorithmic Literacy; Academic Research; Intelligent Agents; Generative Artificial Intelligence.*

RESUMEN

El auge de la Inteligencia Artificial Generativa (GAI) está redefiniendo la investigación académica, automatizando la curación del conocimiento con herramientas como ChatGPT, DeepSeek, Consensus y Research Rabbit. Esta mediación algorítmica requiere nuevas habilidades, especialmente en alfabetización mediática y algorítmica. Este estudio propone una reflexión y analiza cómo los agentes inteligentes transforman el rol del investigador, desplazando la investigación desde la selección activa de fuentes a sistemas curados por algoritmos opacos. Se argumenta la necesidad de una alfabetización crítica para el uso de estas tecnologías. Además, este artículo apoya una investigación empírica en curso, cuyos resultados se publicarán más adelante, ampliando la comprensión de los impactos de la IAG en la producción académica.

PALABRAS CLAVE: *Alfabetización Mediática; Alfabetización Algorítmica; Investigación Académica; Agentes Inteligentes; Inteligencia Artificial Generativa.*

Submetido em 14 de março de 2025.

Aceito em 29 de maio de 2025.

Introdução

A ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IAG) tem transformado a maneira como a informação é produzida, distribuída e consumida. No campo acadêmico, essa revolução se manifesta por meio do uso crescente de agentes inteligentes para a pesquisa, capazes de recuperar, sintetizar e organizar dados de forma automatizada. Ferramentas como *ChatGPT*, *DeepSeek*, *Consensus* e *Research Rabbit* vêm sendo incorporadas ao processo de busca e análise de informações, prometendo maior eficiência na revisão bibliográfica e na curadoria do conhecimento científico. No entanto, a crescente mediação algorítmica da informação levanta questões sobre transparência, confiabilidade das fontes e autonomia do pensamento crítico, sobretudo no contexto da desinformação digital e da alfabetização midiática.

A alfabetização midiática¹, entendida como um conjunto de competências que permitem aos indivíduos avaliar criticamente as informações que consomem e produzem (Unesco, 2013; Ferrari; Machado; Ochs, 2020), torna-se um elemento central nesse debate. A crise da curadoria informacional, impulsionada pela proliferação de *fake news*, filtros algorítmicos e plataformas de busca automatizada, desafia a distinção entre fontes confiáveis e desinformação. Como argumentam Koltay (2011) e Buckingham (2022), a capacidade de discernir a qualidade e a intencionalidade das informações não é uma habilidade inata, mas sim um conhecimento construído, que deve ser constantemente atualizado à medida que novas tecnologias emergem.

A crescente dependência de agentes inteligentes na pesquisa acadêmica levanta um questionamento fundamental: essas ferramentas ampliam o acesso a informações qualificadas ou reforçam a opacidade da curadoria algorítmica? A produção do conhecimento sempre esteve atrelada a processos de validação rigorosos, como revisão por pares e indexação em bases científicas. Com a chegada da IAG, esse modelo tradicional é desafiado por sistemas que oferecem respostas instantâneas, mas nem sempre revelam a origem dos dados utilizados.

Diante desse cenário, este artigo constitui a primeira parte de uma pesquisa mais ampla que investiga a atuação da IAG na curadoria da informação acadêmica. Trata-se de um ensaio teórico, no qual são discutidas as implicações conceituais do uso de agentes inteligentes na

¹ O presente artigo compõe os estudos do “Observatório de Inteligência Artificial na Mídia-Educação”, pertencente ao Grupo de Pesquisas CiberCog e Laboratório de Mídias Digitais/PPGCom-Uerj, coordenado pela Professora Dra. Fátima Regis.

pesquisa acadêmica, com foco na necessidade de letramento midiático e algorítmico. Paralelamente, uma pesquisa empírica está sendo conduzida para analisar, de forma experimental, o funcionamento de diferentes ferramentas de busca baseadas em IAG. A pesquisa se estrutura a partir da seguinte pergunta norteadora: como a IA generativa modifica os processos de busca e validação da informação no meio acadêmico e quais são seus impactos para a construção do pensamento crítico na sociedade contemporânea?

O artigo tem como *objetivo geral* discutir conceitualmente os desafios e oportunidades da curadoria acadêmica mediada por agentes inteligentes, enfatizando a necessidade do letramento algorítmico para garantir um uso crítico de tais ferramentas.

Como objetivos específicos, este estudo pretende: 1) Caracterizar o funcionamento da curadoria acadêmica mediada por IAG e compará-la com os processos tradicionais de pesquisa; 2) Discutir as implicações da plataformização da ciência e da cultura algorítmica na produção do conhecimento; 3) Relacionar a mediação dos agentes inteligentes com a necessidade de desenvolver competências midiáticas e algorítmicas para um uso crítico dessas ferramentas; e 4) Contribuir para a reflexão sobre as transformações nos modos de fazer ciência e o papel dos pesquisadores diante da automatização da curadoria da informação.

A relevância desta investigação se justifica tanto no campo acadêmico quanto no social. No meio científico, a crescente automatização da pesquisa demanda um olhar crítico sobre as metodologias utilizadas pelos sistemas de IAG e seus efeitos na produção e validação do conhecimento. A ausência de transparência na seleção de fontes e a impossibilidade de verificar certos dados gerados por essas ferramentas podem comprometer a qualidade da pesquisa acadêmica, tornando necessário um debate sobre novos modelos de curadoria e avaliação científica.

Do ponto de vista social, a alfabetização midiática surge como uma ferramenta fundamental para enfrentar os desafios impostos pela desinformação e pela opacidade algorítmica. Como apontam Livingstone e Helsper (2007), a educação para o consumo crítico da informação é uma das principais estratégias para combater o impacto das narrativas manipuladas, da polarização digital e da distorção da realidade promovida por algoritmos

opacos. Assim, compreender os efeitos da IAG na mediação da informação acadêmica e social é essencial para fomentar estratégias de uso responsável dessas tecnologias.

Metodologicamente, o artigo realiza um ensaio teórico, tendo em vista realizar uma reflexão em aproximação do campo da pesquisa auxiliada por agentes inteligentes com o campo de estudos do letramento midiático e algorítmico, no sentido de compreender que competências são requeridas no processo de pesquisa auxiliada por IAG. O artigo também pretende gerar fundamento para impulsionar a realização de uma pesquisa empírica paralela, que está atualmente em fase de coleta, tendo como base o método da engenharia reversa (Carneiro, 2023), a partir do uso e teste para uma análise comparativa de diferentes agentes inteligentes utilizados na pesquisa acadêmica.

Portanto, o estudo se fundamenta em uma revisão bibliográfica sobre alfabetização midiática, curadoria informacional e impactos da IAG na pesquisa científica, dialogando com autores da área da comunicação, ciência da informação e epistemologia digital. O objetivo é fornecer uma visão crítica e fundamentada sobre o papel da IAG na mediação do conhecimento acadêmico, destacando os riscos e as oportunidades desse novo cenário.

1 Breve cenário da IAG e a tendência dos agentes inteligentes

A IAG está redefinindo tanto o futuro do trabalho quanto aos métodos de pesquisa científica, transformando a forma como o conhecimento é produzido e acessado. Entendida como uma “subárea da inteligência artificial que se concentra em criar sistemas que tem como objetivo simular a própria criatividade humana, através da criação de imagens, sons, vídeos e texto” (Carneiro, 2024, p. 2), esses sistemas são capazes de produzir conteúdo a partir de conjuntos de dados de treinamento baseados em bilhões de parâmetros, pertencentes à recente categoria dos Large Language Models (LLMs)².

Com o acirramento da competição entre as *big techs* para desafiar a *OpenAI* e o *ChatGPT* — processo acompanhado por crescentes desafios regulatórios e disputas geopolíticas, como as

² São arquiteturas avançadas de inteligência artificial treinadas com vastos conjuntos de dados textuais. Utilizando técnicas de aprendizado profundo (*deep learning*), esses modelos são capazes de compreender, gerar e processar linguagem natural com alta complexidade. Exemplos notáveis incluem o GPT-4 da OpenAI, o PaLM do Google e o Llama da Meta.

tensões entre Estados Unidos (EUA) e China em relação à proibição de plataformas como *TikTok* e *Meta* — o panorama global da inteligência artificial adentra uma nova fase. Esse estágio é marcado pelo aprimoramento de sistemas e agentes inteligentes voltados para a pesquisa avançada, ampliando a capacidade de análise de grandes volumes de dados e promovendo a automatização de processos complexos de curadoria informacional. Mais do que um embate comercial, esse movimento reflete uma mudança paradigmática: a transição da IAG de um modelo meramente reativo para um papel ativo na produção do conhecimento científico, redefinindo os limites da investigação acadêmica e impulsionando a inovação tecnológica.

Paralelamente, a recente criação da ferramenta chinesa *DeepSeek*, desenvolvida com um número reduzido de Unidades Gráficas de Processamento (GPUs) da Nvidia e baseada em uma lógica *open source*, reacende um debate central na história da web: a valorização da colaboração e a construção de ecossistemas tecnológicos alternativos às *big techs*.

Ao adotar um modelo de código aberto, disponível para aprimoramento e interação com concorrentes, o *DeepSeek* desafia a hegemonia das grandes corporações, em ruptura com a predominância dos softwares proprietários, como o *ChatGPT* e o *Grok 3.0*, desenvolvido pela *x.AI*, de Elon Musk. Plataformas emergentes propõem um paradigma alternativo, que considera as particularidades de países historicamente marginalizados no setor tecnológico, pois diversificam a inovação tecnológica e ampliam as oportunidades para que diferentes nações participem da evolução da IAG.

Por outro lado, nos últimos dez anos, consolidou-se uma dinâmica de plataformização (Dijck; Poell; De Waal, 2020) e algoritmização da sociedade (Gillespie, 2014; Leporace, 2024), que passou a estruturar a infraestrutura das mídias digitais e sociais. Esse modelo opera a partir de sistemas pouco transparentes na coleta e uso de dados, baseando-se em estratégias comerciais que exploram a exposição de informações pessoais para fins de recomendação algorítmica e estímulo ao consumo nos ambientes digitais. O modelo predominante de negócios digitais ainda se fundamenta em lógicas opacas de controle e monetização da informação, consolidando a influência das grandes plataformas sobre a organização da economia digital e a circulação do conhecimento.

Autores como Zuboff (2019), Couldry e Mejas (2019) e Amadeu (2020) destacam o caráter predatório das plataformas digitais, evidenciando como as grandes corporações proprietárias — *Google, Amazon, Meta, Alphabet* e *Microsoft* (GAMAM) — operam sob uma lógica de controle e colonialismo de dados. Essas empresas estruturam seus modelos de negócio a partir da vigilância contínua dos rastros digitais deixados pelos usuários, consolidando uma dinâmica que favorece os grandes conglomerados tecnológicos e dificulta a sobrevivência de mercados locais e alternativos.

Nesse cenário, os algoritmos desempenham um papel central na manipulação dos comportamentos digitais e econômicos. Como aponta Santini (2020), essas tecnologias são amplamente utilizadas para influenciar preferências e moldar o gosto dos usuários. O’Neil (2016) destaca o risco de a engenharia algorítmica ser empregada para controle social e reforço de desigualdades, enquanto Amadeu (2020) ressalta seu impacto na opinião pública e nos processos políticos. Além disso, os modelos algorítmicos não apenas otimizam estratégias de recomendação, mas também impulsionam padrões de consumo massivo, priorizando interesses mercadológicos em detrimento de tecnologias emergentes mais justas e inclusivas.

A regulação das plataformas digitais e a criação de diretrizes para uma política global de governança da IAG tornaram-se, portanto, temas prioritários no debate sobre o poder das *big techs*. A União Europeia, por exemplo, tem adotado uma postura mais rigorosa na regulamentação da IAG, com destaque para a aprovação da Lei da IA da União Europeia³, em 2023, a primeira legislação voltada especificamente para o controle e a transparência no desenvolvimento e uso dessas tecnologias. Essa iniciativa busca garantir um modelo de inovação que equilibre segurança, privacidade e direitos fundamentais, reduzindo riscos como discriminação algorítmica e uso indevido de dados sensíveis. Além da regulamentação do Marco Regulatório da IA⁴ no Brasil, atualmente aprovada no Senado, a fiscalização das plataformas digitais tem sido pauta de discussões em âmbitos internacionais e também no Comitê Gestor da

³ Para acesso completo a Lei da IA da Europa:

<https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20230601STO93804/lei-da-ue-sobre-ia-primeira-regulamentacao-de-inteligencia-artificial>. Acesso em: 12 fev. 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/senado-federal-aprova-marco-regulatorio-da-inteligencia-artificial>. Acesso em: 13 fev. 2025.

Internet no Brasil (CGI.br), que avalia a necessidade de um marco regulatório no país. A proposta brasileira, de caráter mais principiológico, enfatiza a necessidade de um modelo de governança ética, baseado na transparência dos sistemas algorítmicos e no respeito à privacidade dos cidadãos.

Todavia, em uma contracorrente da tendência do domínio do capitalismo informacional (Han, 2018) das *big techs*, no Brasil, algumas tendências despontam em uma corrente contra-hegemônica da economia, funcionando como possíveis contramedidas à algoritmização dos sistemas inteligentes. Como exemplo dessa contracorrente, a SoberanIA, software de IA feito em uma nuvem de dados do governo, atende ao Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA), em uma lógica de desenvolvimento paralelo de IAGs com menos recursos e chips, buscando caminhos alternativos para o desenvolvimento de sistemas mais próximos de nossa língua. O Serpro também começa a desenvolver a sua própria linguagem LLM, em nuvem do governo Federal⁵, uma inovação que contribui para um plano de independência comercial a partir do Plano Brasileiro de Inteligência Artificial, com base de dados treinada com grande quantidade de textos em português, permitindo desempenho robusto em tarefas específicas com o contexto local.

Todavia, na lógica dos softwares proprietários, o cenário parece apontar caminhos para a automação de agentes inteligentes como o futuro da IAG. Esses elementos começam a ser utilizados na pesquisa acadêmica, como fatores de uma pesquisa mais aprofundada, levando à automação de alguns processos que antes eram feitos exclusivamente pela pesquisa humana. Ainda que recursos de métodos digitais estejam disponíveis para pesquisa, organização/sistematização dos dados para extração de tendências, diante da infodemia na cultura digital, a automação de alguns processos e o uso de LLMs, enquanto analistas para funções específicas, começa a se estabelecer em base de pesquisa auxiliada por IAG.

Neste sentido, ferramentas como *ChatGPT*, *DeepSeek*, *Consensus* e *Research Rabbit* atuam como agentes inteligentes, automatizando a curadoria informacional. O pesquisador Sanderson

⁵ Disponível em: <https://www.serpro.gov.br/menu/noticias/noticias-2023/serpro-lanca-nuvem-de-governo>. Acesso em: 2 fev. 2025.

Macedo, ao explicar o conceito de agentes inteligentes, associa à imagem de um enxame de abelhas trabalhando em uma colmeia.

Cada abelha tem uma função específica, algumas coletam néctar, outras cuidam das larvas, outras guardam a entrada. Nenhuma delas possui o controle total, mas elas juntas conseguem manter a colmeia funcionando de forma eficiente e harmoniosa. O comportamento colaborativo e descentralizado é a essência do que entendemos por agentes inteligentes (Macedo, 2024, p. 9).

Portanto, os agentes inteligentes atuam enquanto unidades autônomas que percebem seu ambiente, tomam decisões, agindo para atingir objetivos específicos. Podem ser softwares, assistentes virtuais para organização de agenda robôs que atuam em uma linha de montagem em etapas de uma tarefa específica. Apesar de operarem de modo independente, cooperam com os outros agentes, para alcançar resultados maiores (Macedo, 2024).

Com sua configuração, é possível programar pela customização, robôs altamente especializados que atuam na seleção para o acesso a determinadas áreas, como se fossem caixas de acesso especializado, para o aprofundamento do conhecimento. Todavia, esses agentes inteligentes transformam o papel do pesquisador, deslocando a pesquisa de um modelo baseado na seleção ativa de fontes para um sistema curado por algoritmos opacos, elemento que traz questionamento quanto à credibilidade informacional das fontes consultadas e quanto à acurácia da informação, a partir da prática da pesquisa por automação de ferramentas por agentes de IAG.

Neste sentido, a mediação algorítmica exige novas competências e formações em alfabetização midiática, fundamentais para a compreensão crítica da filtragem e hierarquização de conteúdos e no processo de pesquisa realizada por auxílio dos agentes inteligentes.

2 Letramento Midiático e Algorítmico: um caminho a percorrer

Diante de um cenário de transformação impulsionado pela atuação de agentes inteligentes, torna-se essencial refletir sobre como a pesquisa acadêmica assistida por IA está redefinindo o papel do pesquisador na curadoria informacional. Nesse contexto, emerge a necessidade de desenvolver novas competências (Regis, 2008). Cabe situar que, desde 2007, o

grupo de pesquisas CiberCog do PPGCom-Uerj vem desenvolvendo estudos sobre os processos cognitivos e as tecnologias de comunicação, bem como sobre os letramentos múltiplos demandados no uso da cultura digital, incluindo letramentos midiáticos, digitais, *new media literacies* (Regis, 2020, 2022; Timponi, 2015; Escalante, 2016; Melo, 2021; Prata, 2024).

Atualmente, no contexto das plataformas e no âmbito internacional, o letramento midiático (Ferrés & Piscitelli, 2015), o letramento digital (Unesco, 2011) e o letramento em dados (*data literacy*) tornam-se elementos fundamentais para uma abordagem crítica e reflexiva diante da IAG e das tecnologias emergentes (Ochs, 2024).

O desenvolvimento dessas habilidades permite que os pesquisadores atuem com discernimento no ambiente digital, compreendendo os mecanismos algorítmicos que estruturam o acesso à informação e garantindo que a IAG seja utilizada como ferramenta de aprimoramento da produção científica, e não como um fator de dependência acrítica. Dessa forma, ao dominar esses aspectos, os pesquisadores assumem um papel protagonista na criação do conhecimento científico, fortalecendo a autonomia intelectual e a capacidade de avaliação rigorosa das fontes e dos dados disponíveis.

2.1 Sobre a intermediação algorítmica da pesquisa acadêmica

A incorporação de agentes inteligentes na pesquisa acadêmica representa uma transformação significativa na forma como o conhecimento é produzido e acessado. Até a popularização deste fenômeno, o processo anterior de pesquisa acadêmica era realizado por acesso a banco de dados indexados em plataformas como *Google Scholar*, *Scielo*, *Web of Science*, Portal de Periódicos da CAPES, por meio de palavras-chave, título e resumo.

Atualmente, ainda que os agentes inteligentes também possam operar por meio desses filtros e fatores de indexação, a intermediação algorítmica interfere na forma habitual de se fazer pesquisa acadêmica. As atuais ferramentas de pesquisa empregam modelos de IAG para filtrar, sintetizar e estruturar dados, de maneira contextualizada. Impulsionados pelos LLMs, os agentes inteligentes acessam informações e executam tarefas complexas como, por exemplo, comparação de fontes, resumo automático de artigos, identificação de padrões em grandes

volumes de dados e recomendação por interesse, a partir de uma questão de pesquisa e não obrigatoriamente por um termo de busca ou operador booleano.

Assim, é preciso elucidar como os agentes inteligentes influenciam na forma com que o conhecimento acadêmico é recuperado, filtrado e apresentado aos pesquisadores. A transformação sugere uma mudança no papel do pesquisador que, por sua vez, passa a interagir com a informação de forma mais dinâmica e assistida, ao invés de depender exclusivamente de estratégias tradicionais de busca e análise.

Segundo Niederer (2023), esses sistemas atuam como mediadores algorítmicos, moldando o acesso à informação e reorganizando hierarquias do conhecimento. No Brasil, Silveira (2020) alerta para a necessidade de maior transparência nesses sistemas, visto que a curadoria algorítmica pode amplificar vieses e limitar o acesso a determinados conteúdos e alienar, trazendo referências que não existem na realidade.

Em recente análise divulgada na *Revista Científica New Yorker*, na coluna *Intelligencer*, de nome “A IA devorou a web. Agora ela está voltando para uma segunda chance”, publicada em 21 de fevereiro de 2025, na era pós emergência do ChatGPT, a preocupação com o futuro do papel do pesquisador é apontada com a chegada “da pesquisa profunda”, descrita como uma “ferramenta de agentes que pode explorar tópicos complexos em seu nome e fornecer descobertas, a partir de um relatório resumo de dados por mineração traduzidos para uma possibilidade de análise fácil de ser lida”(New Yorker, 2025, s. p., livre tradução).

Nesse contexto, gerações mais recentes, como a alpha, começam a sentir os efeitos do ecossistema das tecnologias emergentes nos hábitos culturais, e passam a realizar buscas não mais por termos chave, e sim pela facilidade de realizar perguntas aos agentes inteligentes, bem como pelo acesso a respostas de resumos de conteúdos, ainda que possa se questionar a veracidade do resultado dessas informações.

De modo mais simplificado, quando se entra com um *prompt* de pergunta, os sistemas LLMs encontram entre o banco de dados desorganizado de milhares de fontes programadas em sua base a informação solicitada, analisam, sintetizam e criam um relatório abrangente sistematizado, função que se compara com a de um analista especialista em determinado assunto de pesquisa.

Desse processo, surge a necessidade de reflexão e educação midiática e algorítmica sobre a crescente adoção de agentes inteligentes e sua influência na pesquisa acadêmica na redefinição do papel do pesquisador na curadoria da informação, uma vez que, em meio ao excesso de conteúdo, passa a contar com o auxílio da IAG para o processo de seleção, sistematização para deixar o material organizado, fazendo com que o pesquisador ganhe tempo na etapa de triagem de dados e se libere para a realização de um trabalho mais aprofundado, após a triagem prévia da IAG.

Por outro lado, os agentes inteligentes, também apontam problemas no processo da automatização de tarefas, enquanto analista de pesquisa, quanto à confiabilidade dos dados extraídos pelos sistemas inteligentes e de um trabalho de uma automação independente. Ao sintetizar e resumir determinado texto ou extrair uma busca sistematizada por meio de mineração de dados em listas de artigos, por relevância, podem ocorrer análises vagas e parciais, a depender se a consulta é na web aberta.

Esses riscos ocorrem porque os modelos de LLMs para pesquisa podem apresentar incoerências nos métodos de raspagem, tendo em vista que muitas das ferramentas de IAG foram treinadas a partir de dados da web, entre dados reais e sintéticos, reproduzindo vieses humanos, preconceitos, desinformação, ou alucinando com invenção de conteúdo, o que dificulta a produção de conhecimento científico.

Assim, o problema da programação da automação inteligente esbarra na fonte de dados e na confiabilidade da autoria, o que exige uma política de transparência na prestação de serviços ao pesquisador. A falta de transparência de alguns agentes inteligentes e ferramentas de pesquisa revela a opacidade e o *modus operandi* das plataformas digitais, o que leva a um questionamento do grau de acurácia do resultado. Todavia, há que se destacar que algumas ferramentas de pesquisa, preocupadas com a ciência, já estão trabalhando para obter acesso à base de dados, por meio de parcerias e acordos de licenciamento com base de dados confiáveis, o que traz maior credibilidade informacional, pela indexação, padrões de qualidade e avaliação acadêmica.

Portanto, é urgente desenvolver competências midiáticas e a alfabetização algorítmica, possibilitando que o pesquisador desenvolva buscas mais conscientes, de forma a explorar as

potencialidades com o auxílio da IAG e a reconhecer as limitações das ferramentas de agentes inteligentes, desenvolvendo expertise quanto ao processo de validação e verificação das fontes no meio acadêmico, sem perder de vista a autonomia de seu pensamento crítico e atento para a investigação e liberdade na criação, características próprias do humano.

Tendo em vista os riscos e oportunidades desse novo cenário, é fundamental exercitar a visão crítica e fundamentada sobre o papel da IA na mediação do conhecimento acadêmico, de modo a promover um uso mais consciente e responsável dessas ferramentas pelo letramento algorítmico.

3 Letramento Midiático e a necessidade de uma Alfabetização Algorítmica

É fundamental compreender a relação entre a IAG e a alfabetização midiática na curadoria informacional, bem como elencar seus impactos na mediação da pesquisa científica, visando atingir a fluência digital, para a construção do pensamento crítico para o conhecimento acadêmico.

Para isso, é preciso definir o que é letramento midiático, digital e algorítmico. Entendemos por letramento ou alfabetização digital, a construção da fluência necessária para escolher e utilizar as ferramentas, dispositivos digitais, ou seja, habilidades em lidar com a cultura digital (Unesco, 2011). O letramento digital requer competências de saber encontrar, selecionar, usar novas ferramentas e aplicativos à medida que novas necessidades na cultura digital vão surgindo. Já o letramento midiático⁶ e o letramento informacional (MIL) (Unesco, 2013) abordam não apenas habilidades para lidar com mídias digitais, como também elementos de análise da mídia e o desenvolvimento de uma perspectiva crítica para lidar com a informação, de modo a criar, viver experiência junto às mídias e a exercer a cidadania.

A busca pela alfabetização midiática foi recorrente na América Latina em um plano de divulgação e aplicação em 2011, no sentido de compreender a importância de ser letrado midiaticamente. Todavia, a pauta da comercialização da inteligência artificial generativa

⁶ Para um levantamento bibliográfico sobre a mídia educação, letramento midiático, digital e informacional, letramento de dados e de *prompts*, ver artigo publicado no livro *Mídias e Educação* (Timponi *et al.* 2024).

reacendeu a necessidade de desenvolvimento de um plano estratégico voltado para a formação de uma educação midiática. Neste sentido, vale destacar que o Governo Federal divulgou o documento *Estratégia Brasileira de Educação Midiática (2023)*, com o intuito de pensar uma política pública para alfabetizar midiaticamente em um planejamento formativo as diferentes gerações. Na mesma lógica de divulgar a necessidade de uma educação midiática, o grupo Educamídia divulgou o *Guia de Educação Midiática para a IA (2020)* e vem atuando na disseminação da importância da educação midiática no Brasil. Para uma melhor compreensão, o conceito educação midiática refere-se ao “conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos — dos impressos aos digitais” (Ferrari; Machado; Ochs, 2020, p. 26).

Como forma de desenvolver competências pela educação midiática, é válido retomar o renomado pesquisador David Buckingham (2022), quando o mesmo entende ser necessário desenvolver habilidades em atividades que permitam ao aluno acessar, pesquisar, filtrar ferramentas adequada a cada necessidade, produzir em um ambiente informacional, saber selecionar o que utilizar das tecnologias e das mídias, seguindo princípios éticos (Buckingham, 2022). Essas atividades se assemelham ao desenvolvimento expertise necessária para o pesquisador durante a realização da pesquisa, sob influência do contexto das ferramentas inteligentes de pesquisa.

Retomando a educação midiática no contexto de emergência da IAG (Ochs *et al.*, 202, p. 3), destacamos aqui algumas habilidades que David Buckingham (2022) considera como essenciais no processo de educação midiática, que, porém, podem ser aplicadas no contexto deste artigo, na experiência de pesquisa: 1) leitura em diferentes formatos, incluindo análise sobre a influência da mídia e de como seus sistemas de organização afetam a cultura; 2) escrever (produzir e disseminar conteúdo); 3) desenvolver fluência digital (domínio de repertório básico de ferramentas e compartilhamento de experiências pela auto expressão e reflexão crítica, ética e responsável, nos mais diferentes formatos); 4) analisar, de forma crítica e habitual, os textos de mídia em qualquer formato, fornecer elementos para que compreenda os mecanismos de busca, curadoria, produção de conhecimento e entrega das mídias sociais e a cultura da plataformização; 5) saber acessar ampla gama de ferramentas e ter consciência sobre segurança

dos dados; aplicar o conhecimento do ambiente informacional e midiático para a solução de problemas e para a autoexpressão; e 6) criar peças e escrita criativa, de forma ética e responsável (Buckingham, 2022, *apud* Timponi; Afonso, 2024).

Mais recentemente, muito se tem falado sobre letramento algorítmico/de dados, habilidade de atuar diante da cultura algorítmica e dos dados e de compreender funciona a lógica da sociedade datificada (Leporace, 2024, Zuboff, 2019). Termos como *data literacy* e *prompt literacy* e letramento em IA são utilizados para abordar o desenvolvimento de novas habilidades no uso dos dados e entendimento do modo de funcionamento da inteligência artificial generativa (Hwang; Lee; Shin, 2023).

A preocupação da alfabetização algorítmica passa a ser pauta de órgãos internacionais, como do Fórum de dezembro de 2020, que reuniu representantes da Unesco, do OECD e da Agenda 2030, para discutir o desenvolvimento de um plano de alfabetização algorítmica em uma perspectiva interdisciplinar, que possa ser aplicada no currículo e que inclua a aprendizagem de IA, desde a sua aplicação tecnológica até questões mais reflexivas sobre a ética, filosofia sobre o seu impacto na sociedade.

Na mesma linha de traçar caminhos e refletir sobre a necessidade de desenvolver competências em IA para a educação do futuro, a Unesco (2021), no “*International Forum on AI and the Futures of Education Developing Competencies for the AI Era*”, destaca que as competências tecnológicas devem se centrar em conhecimento e habilidades avançadas em IA para criar, na manipular, implementar e interpretar a IA, com base em princípios de responsabilidade, privacidade e equidade e esses elementos devem estar presentes em plano de alfabetização digital para a sociedade. Entre as competências algorítmicas requeridas estão: “a capacidade de atuar com os sistemas de IA, de tomar decisões informadas e de preparar-se para o impacto social do uso generalizado da IA no emprego e na democracia e vida diária” (Unesco, 2021, s.p).

Todavia, para estabelecer um caminho a se pensar no letramento em IA, em 2022 a Unesco apresentou o documento *AI Literacy: Competencies and Design Considerations*, que traz uma nova gama de competências a serem desenvolvidas neste plano de alfabetização em IA, como: processamento de informação, pensamento computacional, e aprendizagem digital,

considerando a ética e as vulnerabilidades do uso da IA, visando subtrair riscos da prática da IA. O documento também enfatiza a importância do desenvolvimento de políticas públicas com foco na regulação e na conscientização do uso ético da IA na educação, de modo a incentivar o aluno a pensar em práticas para melhorar a governança, acessibilidade e a confiança na IA e auxiliar no desenvolvimento e criação de práticas alternativas à indústria dos proprietários de IA, de modo a construir futuros alternativos, tais como os caminhos apontados no início deste artigo, em uma contracorrente do modo de atuação das *big techs*.

Analogamente, é cabível pensar na alfabetização em IAG pelo recorte das transformações no processo da curadoria informacional e de seus impactos na pesquisa científica. Neste sentido, propomos no artigo que ser alfabetizado algorítmicamente para o processo de pesquisa auxiliada por agentes inteligentes significa fornecer dados que possibilitem ao pesquisador compreender o modo de funcionamento da IAG, de modo que possa atuar conscientemente no processo de busca, e realizar uma reflexão sobre as escolhas humanas estão por trás dos algoritmos (particularmente utilizados pelos mecanismos de busca, plataformas de mídia social, sistemas de recomendação e bases de dados), uma vez que essas plataformas exercem uma função crescentemente importante em selecionar qual informação deve ser considerada relevante para nós, incluindo estratégias relacionadas à pesquisa, e como essa característica tem determinado nossa participação na vida pública dos ambientes digitais.

Sobre a influência e contribuições dos agentes inteligentes no processo da curadoria da pesquisa, o pesquisador Flores-Vivar (2025) explica capacidade desses agentes de inter-relacionar inicialmente textos, sugerir pontos de discussão para organização de uma pesquisa, apresentar tabelas comparativas de documentos, listas de artigos com links para a fonte de publicação, realizar busca personalizada para a resolução de problema de pesquisa, o que ajuda os pesquisadores a realizarem uma revisão bibliográfica mais eficiente, ao proporcionar respostas mais detalhadas. Dessa forma, se por um lado o agente inteligente poupa considerável tempo de busca para o pesquisador, por outro, o papel do raciocínio e de promover reflexões profundas no entrelaçamento dos textos fica com o acadêmico.

4 Algumas inferências a partir do levantamento teórico

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28452

A forma como conduzimos pesquisas acadêmicas passou por transformações significativas ao longo das últimas décadas, especialmente com a ascensão da IAG. No passado, a busca por informações era predominantemente manual, exigindo que pesquisadores navegassem por bases de dados indexadas, aplicassem operadores booleanos e realizassem a triagem e validação de fontes de maneira ativa. A mediação era essencialmente humana, baseada em critérios metodológicos rigorosos e na revisão crítica das referências selecionadas. Com a introdução de agentes inteligentes na pesquisa acadêmica, esse paradigma se altera substancialmente: a curadoria da informação passa a ser automatizada, e a seleção de conteúdos é realizada por sistemas algorítmicos que operam a partir de padrões probabilísticos e modelos preditivos. Se antes o pesquisador desempenhava um papel ativo na filtragem e organização das fontes, agora interage com um sistema que sintetiza e apresenta informações de forma instantânea, redefinindo as dinâmicas da construção do conhecimento.

Diante dessa mudança estrutural, as competências tradicionalmente exigidas para a realização de pesquisas científicas também passam por um processo de ressignificação. Se o letramento acadêmico esteve atrelado ao domínio de estratégias de busca, análise crítica de fontes e escrita científica fundamentada, com a mediação algorítmica, novas habilidades tornam-se essenciais para garantir que pesquisadores possam utilizar esses sistemas de maneira crítica e reflexiva.

Já citada anteriormente, a Unesco (2021) destaca a necessidade de um letramento algorítmico, que envolve a compreensão do funcionamento dos modelos de inteligência artificial, a avaliação da transparência dos processos de curadoria informacional e o discernimento sobre os vieses inerentes às plataformas digitais.

Diante dos estudos realizados na área, a transparência quanto à base de dados é motivo de preocupação, pois a maioria das ferramentas de IA não apresenta em suas páginas a política de atuação ou se possuem parcerias com banco de dados academicamente confiáveis. A alucinação algorítmica também se apresenta como problema recorrente nas pesquisas com *big techs*, podendo produzir citações inexistentes para o usuário. Nesse sentido, a pesquisa acadêmica, além de competências técnico-metodológicas, exige habilidades que permitam aos

pesquisadores atuar de forma autônoma diante da influência da IA na seleção e sistematização do conhecimento.

No Brasil, a necessidade de promover uma educação midiática adaptada ao contexto da IAG tem sido amplamente discutida. O guia produzido pelo grupo Educamídia (2020) e as estratégias mais recentes do governo Federal são exemplos de iniciativas que reconhecem a importância de preparar pesquisadores e cidadãos para um ambiente informacional cada vez mais automatizado. Essas iniciativas ressaltam a urgência de capacitar indivíduos para compreenderem a lógica de funcionamento das plataformas digitais e desenvolverem um pensamento crítico diante da mediação algorítmica. No contexto acadêmico, isso significa que os pesquisadores devem saber utilizar os agentes inteligentes para pesquisa científica, sem esquecerem de questionar a forma como essas tecnologias organizam e priorizam as informações, garantindo um uso ético e fundamentado dessas inovações.

Isso exige uma reconfiguração das competências necessárias para a produção do conhecimento. Se antes a ênfase estava na habilidade de selecionar e avaliar fontes, hoje, o desafio está em interpretar criticamente as informações geradas por sistemas automatizados, compreendendo suas limitações e potencialidades.

Considerações Finais

A ascensão dos agentes inteligentes na pesquisa acadêmica marca uma transformação de como o conhecimento é produzido, acessado e validado. Se, por um lado, essas ferramentas oferecem uma curadoria automatizada e possibilitam ganhos de eficiência na organização de informações, por outro, impõem desafios que envolvem transparência, confiabilidade e autonomia do pensamento crítico. Como apontado por Flores-Vivar (2025), os agentes inteligentes têm a capacidade de facilitar a revisão bibliográfica, permitindo ao pesquisador um acesso mais ágil a referências relevantes. No entanto, o papel da análise crítica e da construção do conhecimento continua sendo uma prerrogativa essencialmente humana, uma vez que a IA, por mais sofisticada que seja, não substitui o exercício intelectual, investigativo do acadêmico e sua capacidade de fazer ciência.

Essa nova realidade demanda o desenvolvimento de competências específicas, para que pesquisadores possam lidar de maneira consciente com a mediação algorítmica da informação. Como destaca Buckingham (2022), a alfabetização midiática não deve se restringir ao domínio técnico das ferramentas digitais, mas incluir abordagem crítica sobre como essas tecnologias moldam o acesso ao conhecimento. No contexto da pesquisa acadêmica, a formação dos pesquisadores deve contemplar a compreensão dos vieses algorítmicos, a avaliação da confiabilidade das fontes automatizadas e a capacidade de questionar as hierarquias de informação estabelecidas pelos sistemas de IA. O desenvolvimento do letramento midiático e algorítmico Unesco (2021, 2022) emerge como um requisito fundamental para que a produção científica se mantenha ética, transparente e rigorosa diante das inovações tecnológicas.

Além das implicações epistemológicas, os impactos dos agentes inteligentes na curadoria da pesquisa acadêmica refletem dinâmicas mais amplas da plataformação do conhecimento. A crescente dependência de infraestruturas algorítmicas de busca e organização da informação reforça a necessidade de uma governança crítica dos sistemas digitais (Couldry; Mejias, 2019), em busca de garantir que o controle da produção científica não se concentre exclusivamente nas grandes corporações tecnológicas. A ausência de transparência na origem dos dados utilizados por esses agentes e os riscos associados à alucinação algorítmica reforçam a importância de uma postura ativa dos pesquisadores na verificação das fontes e na validação dos conteúdos apresentados pelas plataformas automatizadas.

Assim, a alfabetização midiática e algorítmica surge como uma estratégia essencial para assegurar que essas ferramentas sejam utilizadas como instrumentos de apoio ao pensamento científico, e não como substitutos do raciocínio acadêmico. Cabe ao pesquisador não apenas utilizar essas tecnologias, mas também questioná-las, compreendendo que a produção do conhecimento continua sendo um processo humano, fundamentado na análise, na investigação e no rigor metodológico.

Este estudo não se encerra aqui, mas integra um esforço contínuo de investigação sobre o impacto dos agentes inteligentes na curadoria da pesquisa acadêmica. Como parte dessa iniciativa, um experimento empírico está em andamento, comparando o desempenho das quatro ferramentas analisadas neste artigo — *ChatGPT*, *DeepSeek*, *Consensus* e *Research Rabbit* — no

auxílio à pesquisa científica. O objetivo é avaliar suas capacidades, limitações e implicações para a produção do conhecimento, a partir de uma abordagem sistemática e baseada em evidências. Esse experimento faz parte das atividades do Observatório de IA na Mídia-Educação, vinculado ao Laboratório de Mídias Digitais (LMD/UERJ), que busca compreender, de maneira crítica, o papel da IAG na mediação da informação e na formação de novas práticas acadêmicas.

Referências

- BECHMANN, Anja.; BOWKER, Geoffrey. Unsupervised by any other name: hidden layers of knowledge production in artificial intelligence on social media. *Big Data & Society*, v. 6, n. 1, p. 1-11, 2019.
- BORGMAN, Christine. *Big Data, Little Data, no Data: scholarship in the networked world*. Cambridge: MIT Press, 2015.
- BRASIL. *Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial (EBIA)*. Brasília, DF: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BUCKINGHAM, David. *Manifesto pela Educação Midiática*. Trad. José Ignácio Mendes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.
- CARNEIRO, Márcio. Inteligência artificial customizada e automação de processos: por que o ChatGPT não serve para organizações? In: *Revista Organicom*. Dossiê Comunicação, Organizações e Inteligência Artificial: impactos, sistemas generativos e uso de dados. a. 21, n. 44, jan./abr. 2024.
- CARNEIRO, Márcio. Entrevistando um Robô: notas sobre a aplicação experimental da metodologia EEAF usando a ferramenta ChatGPT de Inteligência Artificial. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 24, ed. 20238987, jan./dez. 2023.
- COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. *The Costs of Connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- ESCALANTE, Pollyana. O potencial comunicativo dos memes: formas de letramento na rede digital. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, 122 f.
- FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. *Guia da Educação Midiática*. 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.
- FERRÉS, Joan; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. *Lumina*, [S.l.] v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/lumina/article/view/21183/11521>. Acesso em: 5 jan. 2025.

FLORES-VIVAR, J. M. (6 de fevereiro de 2025). *La revolución del método científico de revisión de literatura existente con Ai2 Scholar QA*. Cultura de Red (blogs Fundación para el Conocimiento Madrid + d. Disponível em: <https://bit.ly/3EtKpL>. Acesso em: 13 mar. 2025.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, Pablo; FOOT, Kirsten. (Eds.). *Media technologies: Essays on communication, materiality, and society*. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167–194.

HAN, Byung-Chul. *No Exname: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: making web data platform ready. *Social Media + Society*, v. 1, n. 2, 2015.

HERRMAN, John. AI Ate the Web. Now It's Coming Back for Seconds. *New York Magazine*, Coluna Intelligencers, 25 fev. 2025. Disponível em: <https://nymag.com/intelligencer/article/ai-ate-the-web-now-its-coming-back-for-seconds.html>. Acesso em: 26 fev. 2025.

KITCHIN, Rob. *The Data Revolution: big data, open data, data infrastructures and their consequences*. London: SAGE Publications, 2014.

LEPORACE, Camila. *Algoritmosfera: a cognição humana e a inteligência artificial*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2024.

MACEDO, Sanderson. *Agentes inteligentes: CrewAI para iniciantes*. v. 1, e-book, 2024.

MELO, Rodrigo Fortes. *Letramentos em ambientes virtuais de aprendizagem na educação básica: estudo de caso do AVA do Instituto de Aplicação da UERJ*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021, 227f.

MEJIAS, Ulises Ali; COULDRY, Nick. Datafication. *Internet Policy Review*, v. 8, n. 4, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14763/2019.4.1428>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MILLER, Carolyn. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, v. 70, n. 2, p. 151-167, 1984.

OCHS, Mariana. *Educação Midiática e inteligência Artificial: fundamentos*. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024.

OECD (Ed.) (2021). *OECD Digital Education Outlook 2021: Pushing the frontiers with artificial intelligence, blockchain and robots*. OECD. <https://doi.org/10.1787/589b283f-en>. Acesso em: 10 mar. 2025.

O'NEIL, Cathy. *Weapons of Math Destruction: how big data increases inequality and threatens democracy*. New York: Crown Publishing Group, 2016.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. In: *Revista Fronteiras*, v. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em: 10 mar. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David.; DUFFY, Brooke. *Platforms and Cultural Production*. Cambridge: Polity Press, 2021.

PRATA, Carmen. *Digital Storytelling: histórias para ensinar-aprender: um desenho qualitativo das práticas multimodais nas escolas do país*. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024, 161f

REGIS, Fátima. Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 32-37, dez. 2008.

REGIS, Fátima. Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. *Revista Contracampo*, v. 39, p. 147-163, 2020.

REGIS, Fátima *Cognição e Afeto na Comunicação*. Conectando corpo, mente, meio e tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2022.

SANTINI, Rose Marie. *O algoritmo do gosto: os sistemas de recomendação on-line e seus impactos no mercado cultural; volume 1*. Curitiba: Appris Editora, 2020.

SECOM. Secretaria de Comunicação Social. *Estratégia Brasileira de Educação Midiática*. Governo Federal, out. 2023.

SCHNEIDER, Sérgio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 49-87, 1998.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020.

TIMPONI, Raquel. *Modos de Leitura do Jovem Brasileiro Contemporâneo: um estudo dos audiolivros e dos livroclipes*. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. 400 f.

TIMPONI, Raquel; AFONSO, Drielle. Educação Midiática para a Inteligência Artificial Generativa: Pensando o ensino na perspectiva da pós- formação em Comunicação do Exército Brasileiro. In: MAGALHÃES, Suzana; XAVIER, Márcio; TIMPONI, Raquel; MIRACELLY, Karenine; AFONSO, Drielle (orgs.). *Mídias e Educação nas Forças Armadas*. Rio de Janeiro, Curitiba: Editora CEP/FDC e Ed. CRV, 2024. DOI.10.24824/978652516582.0253-282

UNESCO. *International Forum on AI and the futures of education developing competencies for the AI era*. UNESCO, 2022. Disponível em: <https://doi.org/https://bit.ly/3zoB6AS>. Acesso em: 13 mar. 2025.

UNESCO. *K-12 AI curricula: A mapping of government-endorsed AI curricula*. UNESCO, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3B6f6xi>. Acesso em: 11 mar. 2025.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The Platform Society: public values in a connective world*. New York: Oxford University Press, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. New York: PublicAffairs, 2019.

Raquel Timponi - Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Pós-doutoranda em Educação Midiática em IA, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Tecnologia da Comunicação e Cultura, UERJ. Graduada em Comunicação Social — habilitação em Jornalismo, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC) e Professora do Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Há 17 anos membro do CiberCog/UERJ.

E-mail: raquel.timponi@gmail.com

Raquel Lobão Evangelista - Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Pós-doutora em Métodos de Recepção e Consumo do Entretenimento pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Comunicação e Cultura, UERJ. Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Comunicação, Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Comunicação Social — Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Professora no PPGCOM-UERJ. Membro do CiberCog/UERJ.

E-mail: raquel.lobao@uerj.br